

Estrella grande: vereda

Michel Riaudel

Centre de Recherches Interdisciplinaires sur les Mondes Ibériques Contemporains
Sorbonne Université

Apesar de ter morado um ano e meio em Belém (1979-1980), apesar de ter dado aula então à beira do Guamá, apenas cruzei de longe nessa época com a silhueta fina, de passos curtos, de Benedito Nunes. Passei a conhecer o casal em 1984, no apartamento em que morava no Boulevard du Montparnasse. Benedito estava encerrando as aulas na Universidade de Rennes. Fomos fazer-lhe uma visita, eu e Roberto Araújo, para solicitar um texto a ser publicado no número 0 da revista *Braise*, que estávamos lançando. Benedito cedeu sem dificuldade um texto datilografado naquelas páginas altas, garibadas, diferentes do formato francês.

Quando voltei a Belém, passei a frequentar a casa da Estrella, oásis que pouco depois passou a me hospedar. Conheci lá as outras figuras da pequena comunidade, a Dadá, singular e independente, mulher modernista eu diria, de espírito livre, aberto e carinhosamente impiedoso; a Conceição, que mandava na casa feita mordoma, generosa e ciosa de suas atribuições; a Carmita, costureira de feições bem caboclas, sorriso indefectível contra todas as amarguras, e pela qual senti grande simpatia; a Maria José, que fazia de secretária de Benedito etc. Há de se dar menção especial aos bichos que aí conviviam, a gatinha Gigi, a rainha Martinha, gorda e cansada, cuja existência estimulava o Benedito a andar um pouco pelo bairro.

A casa era um microcosmo, concentrava uma microssociedade de dentro e de fora, com seus espaços dedicados. Os ambientes sociais entre um jardim, recorte de natureza extremamente bem cuidado; o escritório em que se trancava o Bené, reservado ao trabalho, onde mal entrava luz, espécie de caverna de Platão e condensado livesco do mundo; a sala da Maria Sylvia, com outra galeria de livros e lembranças dos amigos e das viagens, onde se recebia algumas visitas durante um dia para bater um papo mais privativo ou onde uns *happy few* se reuniam à noite para assistir filmes e óperas; os cômodos da Angelita, em que ela costurava ou ouvia amplo espectro da MPB, do jazz ou da música francesa... Havia também um depósito lateral, no primeiro andar, a Biblioteca Complementar ou

simplesmente BICOM, onde Benedito armazenava parte dos livros que recebia, e que, numa dessas minhas temporadas, comecei a organizar. Depois outras pessoas fizeram melhor e de modo sistemático. No meio de remessas medíocres, encontrava-se pérolas, como, lembro bem, um exemplar da “Navilouca” que me fascinou.

O terraço tinha um caráter especial, por oferecer alguma brisa às vezes e por abrigar conversas, tertúlias, histórias: foi lá que ouvi o “causo” encantado e verdadeiro do canto do uirapuru, que surpreendeu uma amiga juíza ao se encontrar profissionalmente em plena floresta. A casa era ponto de convergência de um recorte amazônico, de tipos humanos diversos e de gente voltada para a reflexão e a criação. Encontrei nela os habituados, Max Martins, Francisco Mendes, Dina Oliveira e também pessoas de fora, como David Jackson e família. A frequentaram muitas outras figuras que não cheguei a conhecer, lista infinda e famosa.

Embora ilhada e preservada em um bairro que se transformara aos poucos, nem sempre para o melhor, a casa da Estrella tinha dimensões cósmicas abertas para o universo. Dela se partia para visitar a histórica “casa das tias” (onde Bené se criara), Eidorfe Moreira (por causa de meu interesse por “A Jangada”, de Jules Verne), Armando Mendes... Nela se recebiam amigos e visitas de longe, e se filtravam pacificamente os ruídos das artes, da música, da literatura, das ideias, do planeta. Com certeza não fui o mais assíduo, não me considero o mais competente e autorizado para rememorar a Estrella, como se dizia metonimicamente (com ressonâncias metafóricas). Mas guardo desse espaço lembranças felizes e indeléveis.

O que justifica a preservação desta casa enquanto lugar de memória é o fato de ela ter sido o caldeirão fervilhante de espíritos fecundos e criativos, um quadro sofisticadamente pensado e planejado para se tornar propício à antropofágica invenção. Nela ainda respira um pedaço do que de melhor produziu a cidade de Belém, para si e para o exterior, figuras que tanto deram à região. A casa da Estrella pode permanecer esse espaço de cultura e criação, parte de nós e para as gerações futuras, ínsula fértil e serena no meio do redemoinho.